

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Leopold Hager direção musical

7 Jan 2022 · 21:00 Sala Suggia

8 Jan 2022 · 18:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS CICLO SOGRAPE



S O G R A P E

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE (C.35MIN)

Emil von Reznicek

Abertura da ópera *Donna Diana* (1894)

Émile Waldteufel

Os Patinadores (1882)

Richard Eilenberg

Passeio de trenó em Petersburgo (1886)

Franz von Suppé

Abertura da opereta *Cavalaria Ligeira* (1866)

Joseph Lanner

Tarantel-Galopp (1838)

Richard Heuberger

Abertura da opereta *O Baile da Ópera* (1898)

2ª PARTE (C.30MIN)

Johann Strauss II

Abertura da opereta *O Barão Oigano* (1885)

Éljen a Magyar! (1869)

Perpetuum mobile (1861)

Trovão e Relâmpago (1868)

No Belo Danúbio Azul (1867/89)

A ópera cómica *Donna Diana* foi estreada a 16 de Dezembro de 1894, em Praga, com considerável sucesso. A visibilidade alcançada consolidou a carreira de **Emil von Reznicek** (1860-1945), compositor austríaco que, nos seus anos de formação, havia estudado com nomes sonantes como C. Reinecke e S. Jadasohn. A temática de composição para a ópera surgiu de uma adaptação que o próprio efectuou a partir da tradução alemã da obra *El desdén con el desdén*, de Agustín Moreto y Cavana, em torno dos caprichos e desdéns amorosos da filha do governador de Barcelona e do modo como um pretendente, fingindo que não a pretende, acaba por a conquistar. Não obstante o sucesso da ópera e da sua circulação no final do séc. XIX, deixou de integrar as temporadas dos principais teatros. Por seu turno, a Abertura de *Donna Diana* conquistou o seu lugar nos programas sinfónicos. O início é marcado por um acorde em *forte*, com toda a orquestra, que contrasta depois com escalas ascendentes nas cordas, seguindo-se uma escala nos clarinetes, imediatamente reforçada por outros instrumentos das madeiras. Um primeiro tema vivo, com destaque para os sopros, contrasta depois com a apresentação do tema mais lírico nos violinos e violas, numa orquestração que ganha fôlego no desenvolvimento. O diálogo entre os motivos e o modo como Reznicek elabora a orquestração concedem, mais para o final, um tom quase cómico que parece querer introduzir à temática geral da ópera.

A valsa *Os Patinadores* foi escrita pelo compositor e pianista francês **Émile Waldteufel** (1837-1915), em 1882. As suas obras, maioritariamente música de salão, procuravam combinar a inventividade melódica com a elegância da orquestração, o que lhe garantiu um lugar nos circuitos da elite parisiense e em algumas

cidades da Europa, como em Londres, onde a sua música foi apresentada à rainha Vitória e ao seu séquito. Waldteufel inspirou-se na pista de patinagem localizada em *Bois de Boulogne*, Paris, procurando captar o quadro invernal pautado pela diversão local. Após uma introdução acolhedora, na qual se podem ouvir escalas ascendentes e descendentes, o tema inicial da valsa surge na trompa, sobre pedal das cordas. Segue-se o mesmo tema, agora em tempo de valsa, com uma linha melódica bem desenhada. A segunda valsa, em *forte*, com arpejo ascendente, contrasta com a anterior, no seu espírito cheio de carácter, seguindo-se uma valsa com uma melodia mais expressiva. A última valsa apresenta uma melodia simples e bem delineada. O compositor retoma depois o tema da valsa inicial, num crescendo orquestral que desagua numa coda imponente.

O compositor alemão **Richard Eilenberg** (1848-1927) foi director musical e maestro na cidade polaca de Stettin. A sua carreira beneficiaria da mudança para Berlim em 1889, onde se afirmou como compositor independente, escrevendo, no total da sua carreira, cerca de 350 obras — entre as quais se destacam várias marchas civis e militares, operetas, danças, entre outras. Conciliou a actividade de compositor com várias digressões como maestro por países do norte da Europa, Itália e Rússia. A obra em programa, *Petersburger Schlittenfahrt* (*Passeio de trenó em Petersburgo*), foi composta em 1885 e publicada no ano seguinte. Está marcada *galopp* e evidencia, desde o seu início, um ambiente empolgante e entusiasmante, em linha com a linguagem associada a este género de música de fim de século. Eilenberg apresenta um tema excitante, marcado pela percussão, seguindo-se alguns momentos onde as referências aos recursos que utiliza também nas marchas

militares são evidentes, num quadro sonoro que cativa o ouvinte pela sua vivacidade.

Franz von Suppé (1819-1895) foi um prolífero compositor de óperas, operetas, farsas, marchas, valsas, polcas, entre outras, destacando-se como um dos principais nomes austríacos da sua geração. De entre o conjunto alargado das suas obras, a abertura de ***Leichte Kavallerie*** (*Cavalaria Ligeira*) ficou célebre e conquistou as salas de concerto. A opereta, com libreto de Karl Costa (1832-1907), foi estreada em 1866, em Viena, tomando a história lugar numa vila austríaca na qual se sucedem várias intrigas amorosas, com a presença de elementos da Cavalaria Ligeira. A abertura apresenta vários elementos que remetem para um ambiente militar. O trompete inicial, assim como os restantes metais, introduzem-nos a um momento militar, ao qual se segue um galope enérgico com um tema bem conhecido que contrasta com um momento mais austero, retomando depois o tema inicial e terminando com uma coda de grande efeito sonoro.

Joseph Lanner (1801-1843) ocupa um lugar de destaque na música vienense pelo modo como introduziu a valsa, associada aos camponezes, no circuito de entretenimento das elites vienenses. Na primeira metade do séc. XIX, o seu nome teria apenas um rival, o de Johann Strauss I, que conseguiu maior estatuto a partir de 1840. As suas composições, em especial as valsas, ganharam uma visibilidade considerável, sendo amplamente aclamadas pelo público e denotando a mudança de gosto que se operava naquele meio cultural. Em alguns dos bailes mais badalados deste período, para além das valsas, as peças musicais mais rápidas ou *galopp* adquiriram popularidade, apesar de serem vistas com alguma reserva pelos

sectores mais conservadores da sociedade. A dança entusiástica ***Tarantel-Galopp*** foi composta em 1838 e tornou-se uma das peças mais conhecidas de Lanner, que nela adapta temas de outras obras (em particular de uma marcha). O andamento de *galopp* imprime um carácter frenético com os seus temas vivos e vibrantes, que se intensificam de modo surpreendente na coda final.

O compositor austríaco **Richard Heuberger** (1850-1914) teve uma intensa actividade artística entre o final do séc. XIX e o início do séc. XX, período no qual compôs algumas das suas mais relevantes óperas e operetas. ***Der Opernball*** (*O Baile da Ópera*), opereta em três actos com libreto de Viktor Léon e Heinrich von Waldberg, estreou em 1898 com considerável sucesso, em parte devido ao enredo que envolve amor, fidelidade, traição, segredos e um baile de máscaras na ópera. A opereta contou com o auxílio do compositor russo Alexander von Zemlinsky na orquestração. A abertura inicia-se de forma enérgica, seguida de motivos curtos, antes de uma valsa com uma melodia nas cordas. Adquire depois um tom quase humorístico, retomando posteriormente o motivo inicial, mas agora de modo mais fantasioso. De notar o final em tempo rápido, como um galope bem marcado, no qual a massa orquestral assume toda a sua força e vigor.

O nome da família Strauss surge intimamente ligado ao mundo das valsas, marchas e polcas no contexto vienense, assim como aos programas desta época festiva, onde muitas das suas obras figuram como forma de celebrar a vinda de um novo ano. De entre os compositores da família, e são vários, destaca-se **Johann Strauss II** (1825-1899), que ficaria conhecido como “Rei da Valsa” pelas muitas obras do género que compôs

e pelos sucessos que alcançou. Destacam-se também no seu repertório várias óperas, operetas, música para ballet, entre outras, que o tornaram um compositor respeitado e aclamado nacional e internacionalmente.

O Barão Cigano estreou em 1885 e constituiu um dos maiores sucessos do compositor, sendo designada como opereta — apesar de vários críticos a considerarem uma ópera, em virtude da sua dimensão, orquestração e temática. O libreto ficou a cargo de Ignaz Schnitzer e é baseado na obra *Saffi*, do escritor húngaro Mór Jókai. O enredo aborda a temática do conturbado casamento de uma menina cigana (*Saffi*), com ingredientes que incluem a descoberta de identidade e um tesouro escondido, entre outros. A abertura convoca a si um universo sonoro de reminiscência húngara, sobretudo ao nível rítmico e harmónico, com ligação ao lugar onde a acção decorre. Os apontamentos solísticos, quase em tom de lamentação, no oboé, dão depois lugar a uma melodia pacífica no mesmo instrumento e depois nas cordas. Um momento mais rápido, vivo e instável, conduz a uma valsa refinada, antes de um final galopante com toda a orquestra em estilo fanfarra.

Éljen a Magyar! (op. 332, “Viva o Magyar!”) é uma polca rápida composta em 1869, quando Johann Strauss II, os seus irmãos e a orquestra fizeram uma digressão a Peste, onde participaram na inauguração do Redoutensaal, com dois concertos. A obra, especialmente composta para o efeito, procura exaltar alguns sentimentos nacionalistas e é dedicada à nação húngara. Foi recebida com grande entusiasmo, obrigando à sua repetição por sucessivas vezes. O início é marcado por um motivo rodopiante pontuado depois pela orquestra, seguindo-se um tema animado, numa orquestração viva e sumptuosa, que alterna com uma melodia mais

contida. Strauss retoma depois o motivo inicial que é explorado antes de seguir para uma coda, na qual é comumente destacada a citação da patriótica *Marcha Rákóczi*.

Johann Strauss II compôs **Perpetuum mobile** (op. 257) em 1861. Destaca-se desde logo um ambiente animado, sugerido pelo subtítulo “Ein Musikalischer Scherz”, que serve de mote para uma escrita musical quase vertiginosa, numa orquestração que faz uso de diversos efeitos, texturas musicais e contrastes dinâmicos. O andamento *Allegro* marca a vivacidade da obra, iniciando-se com as cordas e depois um tema curto que é partilhado pelos vários instrumentos da orquestra, sugerindo o carácter quase interminável durante as mais de duas centenas de compassos. O final, que era inevitável, é esbatido pela intervenção do clarinete e depois do fagote, dando uma sensação de continuidade para além da própria música.

A polca rápida **Unter Donner und Blitz** (op. 324) terá sido composta em 1868 e apresentada em Viena nesse mesmo ano. Existem, no entanto, algumas dúvidas acerca da sua origem, havendo indícios de que será a obra *Sternschnuppe* (Estrela cadente), apresentada no baile da Associação de Artistas ‘Hesperus’, de Viena, nesse mesmo ano. Strauss II terá alterado o título para “Sob trovões e relâmpagos” por vários motivos, seja pelo facto de o seu irmão Josef ter composto uma valsa com nome idêntico (*Sternschnuppen*, op. 26), seja por considerar que esta remetia de forma mais evidente para os trovões e relâmpagos e que o novo título caracterizaria melhor a obra. Ao nível musical a percussão assume um papel relevante, com o bombo e os pratos, que marcam os temas desta polca e adquirem preponderância, com a caixa, no final pujante.

No Belo Danúbio Azul (op. 314), no título original *An der schönen, blauen Donau*, tornou-se

uma das mais populares obras de Strauss II e, em bom rigor, do repertório da música erudita ocidental. Composta em 1866, foi estreada no ano seguinte na Associação Coral Masculina de Viena, com poema de Joseph Weyl. A versão orquestral surgiria mais tarde nesse ano, para ser apresentada na Exposição Universal de Paris, com uma recepção ímpar por parte do público. A obra inicia-se com uma introdução longa antes da primeira valsa, com um tema bem conhecido. Strauss surpreende-nos com mais temas de valsas, cinco no total, que demonstram a sua notável criatividade melódica, terminando a obra com uma coda complexa que retoma algumas das melodias anteriores e conduz a um final grandioso.

PEDRO RUSSO MOREIRA, 2022

Leopold Hager direcção musical

O maestro austríaco Leopold Hager, que celebrou o seu 85.º aniversário em 2020, estudou direcção, órgão, piano, cravo e composição no Mozarteum de Salzburgo, a sua cidade natal.

Depois de ocupar vários cargos em Mainz, Linz e Colónia, tornou-se director geral de música em Freiburg/Breisgau, depois maestro principal da Orquestra Mozarteum em Salzburgo e, até 1996, director musical da Orquestra Sinfónica RTL do Luxemburgo. Com esta última, entretanto rebaptizada como Orquestra Filarmonica do Luxemburgo, mantém uma colaboração muito próxima, tendo sido distinguido, em Janeiro de 2021, com o título de maestro honorário. Entre 2005 e 2008, foi maestro titular da Volksoper em Viena. Para além do seu trabalho intenso como maestro, entre 1992 e 2004 foi professor de direcção orquestral na Universidade de Música de Viena.

Tem desenvolvido relações duradouras com a Ópera Estatal de Viena e apresenta-se frequentemente em muitas das principais casas de ópera do mundo, incluindo a Ópera Estatal da Baviera em Munique, a Semperoper de Dresden, a Metropolitan de Nova Iorque, a Chicago Lyric Opera, a Royal Opera House Covent Garden em Londres, o Teatro Colón em Buenos Aires e a Ópera da Bastilha em Paris. Mais recentemente, destacam-se as suas colaborações com a Ópera Alemã de Berlim, a Ópera de Leipzig, a Ópera Estatal de Estugarda, a Ópera de Lyon e a Ópera de Nice.

A sua grande experiência torna-o um maestro muito requisitado, tendo dirigido as principais orquestras da Europa e dos Estados Unidos da América — Staatskapelle Dresden; Sinfónicas de Bamberg, Viena, NDR Hamburgo, MDR Leipzig e Nacional de Washington; Orquestras da Gewandhaus de Leipzig, da

Konzerthaus de Berlim e do Concertgebouw de Amesterdão; Filarmonicas de Munique e Checa; Sinfónica da Rádio Dinamarquesa, Orquestra de Paris, Staatskapelle Weimar, Orquestra Nacional de Lille e Accademia di Santa Cecilia em Roma. A sua relação próxima com a English Chamber Orchestra está largamente documentada em várias gravações. Foi maestro convidado principal da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música entre 2015 e 2017. Tem dirigido repetidamente a Filarmonica de Viena, não só em Viena, mas também em Praga e Roma.

Leopold Hager é conhecido como um defensor pioneiro da interpretação mozartiana, particularmente pelas suas apresentações em concerto, em Salzburgo, das obras cénicas de juventude até então praticamente desconhecidas. Durante a Semana Mozart de Salzburgo, em 1979, dirigiu a primeira interpretação completa de *Il sogno di Scipione*. As suas gravações destas obras com cantores de topo mantêm-se como referências. A extensa discografia de Hager inclui ainda todos os concertos para piano e árias de concerto de Mozart.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas, Pedro Amaral, Solange Azevedo e José Maria Sanchez-Verdú

— este último num cine-concerto com nova música para *A Queda da Casa de Usher*, filme clássico de Jean Epstein. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação das óperas *Senza Sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como *o Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Martyn Jackson
Veliyana Yordanova*
Radu Ungureanu
Emília Vanguelova
Andras Burai
Ianina Khmelik
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
José Despujols
Vadim Feldblioum
Maria Kagan
Mafalda Vilan*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Catarina Martins
Karolina Andrzejczak
Pedro Rocha
Jorman Hernandez*

Viola

Anna Gonera
Rute Azevedo
Hazel Veitch
Jean Loup Lecomte
Luís Norberto Silva
Theo Ellegiers
Francisco Moreira
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Michal Kiska
Irene Alvar
Hrant Yeranossyan
Bruno Cardoso
Aaron Choi

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Jorge Villar Paredes
Nadia Choi
Altino Carvalho

Flauta

Paulo Barros
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Tamás Bartók
Telma Mota*

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Carneiro
José Bernardo Silva
Bohdan Sebestik
Eddy Tauber

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
José Rosas*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Bruno Costa

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

